

# A imprensa militar no século XIX: o periódico *O Militar Brioso*

**Fernanda de Santos Nascimento**

*Mestre em História. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar o periódico militar *O Militar Brioso*, publicado na cidade do Rio de Janeiro entre os meses de janeiro e julho de 1855. O periódico pode ser caracterizado dentro do contexto tradicional da imprensa periódica do século XIX, ou seja, a partir de um caráter combativo e publicista. Procura demonstrar os problemas e as necessidades da classe militar, com um discurso incisivo e de caráter oposicionista. Embora de caráter anônimo, a pesquisa conseguiu identificar o redator deste periódico. A informação é importante para estabelecer o lugar de fala de seu redator e também a influência de uma formação especializada no discurso crítico destes militares. O súbito desaparecimento da publicação indica o desconforto causado pelo discurso do periódico aos polos de poder político e militar do Rio de Janeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Segundo Império, Escola Militar, Forças Armadas

## ABSTRACT

This article aims to present the military journal "O Militar Brioso" published in the city of Rio de Janeiro between January and July 1855. The journal can be characterized within the traditional context of the periodical press of the nineteenth century, it means from a combative nature and publicist. Attempts to demonstrate the problems and needs of the military class, with a speech and incisive character opposition. Although the anonymity, the survey was able to identify the editor of this journal. Information is important to establish the place of his speech writer and also the influence of special training in the critical discourse of military people. The sudden disappearance of the publication indicates the discomfort caused by the speech of the journal to the poles of political and military power of Rio de Janeiro.

**KEYWORDS:** Brazilian Second Empire, Brazilian Armed Forces and Brazilian Military School

## INTRODUÇÃO

O *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro noticiou, em 8 de março de 1855, o lançamento da 2ª edição do periódico *O Militar Brioso*. A gazeta informou que as edições poderiam ser adquiridas na Tipografia da Rua de São José, nº 8. Informou ainda o título de todas as matérias publicadas na respectiva edição para conhecimento de seus leitores. A temática do periódico é militar. E seu título, bastante sugestivo, suscita uma justificativa, conforme indica o índice das matérias publicadas no *Correio Mercantil*. Este artigo tem, portanto, o objetivo de analisar o periódico militar *O Militar Brioso*, lançado no Rio de Janeiro em 1855 e veiculado entre fevereiro e julho do mesmo ano, contando com 16 edições no total.

É possível observar o esforço dos redatores na publicização do periódico militar. Em várias ocasiões noticia o *Correio Mercantil* o lançamento de mais uma edição de *O Militar Briosso*. Mas quem eram os redatores desta folha? Quais eram os seus interesses específicos e seus objetivos? O periódico militar existe de forma concomitante com outro periódico, também da cidade do Rio de Janeiro: *O Militar*. Este último também era impresso na mesma tipografia de *O Militar Briosso*. Tal fato sugere a existência de dois grupos distintos de militares que estavam envolvidos na produção de periódicos voltados especialmente à classe militar.

Sugere ainda a existência de uma imprensa periódica militar profícua no período, envolvida em debates políticos e militares da época. De fato, esta imprensa periódica militar surge de forma combativa e provocativa com objetivo último de fazer ecoar as necessidades e premências da força militar. Definimos a imprensa periódica militar como uma produção de caráter intelectual voltada, sobretudo, à produção de jornais, pasquins e gazetas por militares e direcionados, em última instância, ao público militar. Esta imprensa tem seu surgimento concomitante à imprensa no Brasil. No campo da história da imprensa, a produção periódica é entendida como um gênero recorrente no Brasil do século XIX, quando revistas e jornais eram publicados sem casas editoriais próprias.<sup>1</sup> A imprensa periódica do século XIX é, de forma geral, uma imprensa de combate. Ela se difere, em vários aspectos, da imprensa que irá se estabelecer com força no início do século XX, fruto das transformações tecnológicas e econômicas que caracterizam este século.<sup>2</sup>

Muitas vezes, durante o século XIX, um único indivíduo se valia da palavra impressa, arcando com os custos de impressão, a fim de expor suas ideias e críticas. Nesse sentido, como bem apontou Luca, “O caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público caracterizam a imprensa brasileira de grande parte do século XIX”.<sup>3</sup> A imprensa configurava-se, desta forma, como um espaço de embates e não como processo cujo interesse final é o lucro. O objetivo final era, através da impren-

sa, interpor-se nos debates da sociedade. Essa constatação converge com o discurso dos periódicos militares do século XIX: seus redatores caracterizavam a imprensa como campo de lutas e embates. É sintomático, portanto, que em 1855 os redatores de *O Militar Briosso* tenham descrito sua ação como um estorvo ao governo:

O governo que procura por todos os meios e modos acabar com a imprensa, porque ela muito e muito o incomoda (...) tem-se contentado em hipocritamente perseguir um ou outro cidadão que está na sua dependência e supõe ter parte na redação de algum periódico. (...) *O Militar Briosso* continua pois, como antes da deportação do seu distinto camarada (...) e continua assim o periódico que tanto os tem incomodado, por ser o verdadeiro eco da classe militar (...).<sup>4</sup>

Este artigo está inserido, portanto, na segunda fase da imprensa periódica no Brasil do século XIX. Este período é rico justamente por dois fatores: primeiro, por estar afastado das lutas de poder regionais que caracterizam o momento pós-Independência e o período regencial; segundo, porque a quantidade de periódicos publicados a partir da década de 1850 é maior, configurando o impresso como campo de debates e combates.

## **A IMPRENSA MILITAR: UM OBJETO DE PESQUISA**

Tradicionalmente, têm os militares brasileiros se dedicado à produção intelectual. Esta produção é sintetizada por uma série de livros, revistas, folhetos e mesmo jornais publicados por militares e voltados ao público militar. É provável que esta tendência tenha relação com o alto grau educacional que costumeiramente possuem os militares brasileiros. A vinda da família real, em 1808, fez com que fosse necessária a instalação de uma academia militar no Rio de Janeiro, então sede do império português. A independência da colônia não eliminou as estruturas burocráticas e estatais portuguesas, tornando-

as estrutura do estado agora independente. A Academia Militar passou, assim, a formar anualmente algumas dezenas de militares altamente educados. A precária estrutura educacional existente no Brasil do século XIX torna a existência da Academia Militar (e, posteriormente, Escola Militar) ainda mais significativa neste contexto. As reformas efetuadas a partir de 1850 para o ingresso no corpo de oficiais intensificam ainda mais esta tendência ao obrigar os aspirantes à carreira de oficial a cursarem a Escola Militar.

Não é estranho, portanto, que os militares tenham desenvolvido o gosto pelas letras. Relevante também, para o período, é a atmosfera intelectual possibilitada pela ilustração: o conhecimento e sua valorização fazem parte do concerto de ideias deste período, intimamente relacionado com a expansão do Iluminismo e do cientificismo pela sociedade.<sup>5</sup> Os militares não passaram incólumes por esta tendência: antecipam, baseados nos valores europeus, os ideais de ordem, desenvolvimento, estudo e ciência neste período.

É relevante, por exemplo, o aparecimento do periódico *O Militar Briosos* no Rio de Janeiro apenas alguns anos após o lançamento da Revista Militar em Portugal. Embora os periódicos não tenham características completamente similares, sua existência tem um ponto em comum: levar para a sociedade os problemas da instituição militar, além de servir de canal para o aprimoramento profissional dos militares. Neste sentido, a imprensa periódica militar no Brasil tem estrita ligação com o aparecimento de periódicos militares na Europa, sobretudo em Portugal e na França.

Estas considerações são resultado da investigação sobre a imprensa periódica militar que está sendo conduzida.<sup>6</sup> A importância da imprensa como objeto de estudo já foi bastante discutida, mas é necessário avaliar a existência e a importância de uma imprensa especificamente militar durante o século XIX. Embora algumas pesquisas tenham sido conduzidas utilizando-se alguns jornais militares, tal objeto nunca foi visto de forma ampla e plural.<sup>7</sup>

Como afirmado anteriormente, esta imprensa tem ligação com a imprensa regular que chega, de forma oficial, ao Brasil em 1808. A partir de setembro de 1808 passa a

circular no Rio de Janeiro a *Gazeta do Rio de Janeiro*, impressa na Imprensa Régia. Até então, os historiadores localizaram pequenas tipografias no Recife e no Rio de Janeiro no século XVIII, mas que não resistiram à coerção das autoridades portuguesas.

Existem, portanto, duas fases, a rigor, da imprensa periódica no século XIX: a primeira fase da chegada da Imprensa Régia até a maioria, caracterizada por uma sociedade em transformação, ainda tributária do antigo regime. Esta imprensa pode ser descrita como panfletária, ligada as intensas lutas políticas originárias, num primeiro momento, da independência e, posteriormente, dos embates relacionados aos grupos conservador e liberal, no contexto político do período regencial.

Uma segunda fase pode ser identificada após a maioria de D. Pedro II (1840) e a restauração do poder centralizador monárquico. De acordo com Morel, o debate político neste período esmorece “no bojo de uma ação conjugada de repressão e incorporação de agentes políticos sob a égide do Estado imperial”.<sup>8</sup> Ocorre uma estabilização da imprensa, a partir de órgãos que lentamente constituem-se como empresas. A despolitização – de caráter panfletário – deste período incorpora ainda um discurso de caráter mais conservador, relacionado ao apogeu do império brasileiro e do Partido Conservador no poder.

Embora este estudo identifique o surgimento da imprensa militar a partir da década de 1830, com o lançamento do periódico chamado *O Militar no Rio de Janeiro*, é somente a partir da década de 1850 que a imprensa periódica militar irá se estabelecer com mais força. Em 1854 é lançado o periódico *O Militar*, possivelmente, a primeira publicação de longa duração de oficiais do Exército brasileiro.<sup>9</sup> Depois de *O Militar*, vários periódicos surgem até o fim da monarquia, configurando a imprensa como um espaço de combate.

É necessário apontar que o surgimento da imprensa periódica militar no Brasil acompanha também uma tendência internacional de aprimoramento profissional militar. A existência de periódicos militares era uma tendência mundial, consequência da moder-

nidade e da própria institucionalização das forças militares, aliada ainda à influência do cientificismo e da ilustração. Na França, em 1824, surgiu o *Journal des Sciences Militaires*, publicado por membros de *L'Academie Royale de Sciences Militaires de Suède*, além de membros de outras instituições científicas. Em 1826, surgiu o periódico *Le Spectateur Militaire*, também na França. E em Portugal, em 1849, surgiu a *Revista Militar*, comandada principalmente por jovens tenentes de engenharia.<sup>10</sup> A Revista era mantida por vários sócios que custeavam o valor às suas expensas. Tal periódico surge com objetivo de publicar as atividades militares e a instrução adequada de que necessitava o exército português.

As revistas militares tanto francesas quanto portuguesas eram divididas em grandes tomos, com artigos específicos de diversas áreas do conhecimento, como topografia, geografia, engenharia, história e letras. Em geral, os periódicos europeus eram publicados em tomos, três ou quatro vezes ao ano, distribuídos em sessões temáticas, abrangendo assuntos de pertinência científica e histórica. Estes periódicos serviam para aproximar as novidades do campo militar aos oficiais e também como forma de estimular a produção intelectual dos militares como forma de desenvolvimento profissional da força, aliado ao discurso científico de meados do século XIX.

Neste sentido, o periódico *O Militar Brasileiro* surge em um momento de crise política e institucional: é o momento da consolidação estatal do império através do gabinete conservador, além de ser um período caracterizado por diversas modificações estruturais da força armada. A década de 1850 é uma década importante para o Brasil. Economicamente, o Império descobriu o valor do café e conseguiu alcançar a paridade cambial entre a libra esterlina e a moeda brasileira. O país passava por um forte surto de crescimento impulsionado pelas exportações de café, algodão e, em menor escala, a borracha e o cacau. Politicamente, ocorre o retorno conservador à política, que encontra apoio entre os militares. Em 1849, tomou posse como Ministro da Guerra Manoel Felizardo de Souza e Mello, político e lente da Academia Militar, que ficou no cargo até 1853. Souza e Mello

realizou uma profunda reforma na lei de promoções, estabelecendo rigorosos princípios de antiguidade bem como prêmios por instrução, além de ter reformado o ensino militar.<sup>11</sup> Para Schulz, a reforma do sistema de promoções marca o início da profissionalização do Exército brasileiro.<sup>12</sup>

A profissionalização da força militar é importante nesse período. É somente no século XIX que surge a instituição militar como a conhecemos hoje. Mais especificamente, Huntington fala do corpo de oficiais militares que forma a instituição: na Europa, um corpo de oficiais profissional, que se distingue de qualquer pessoa leiga, surge com as guerras Napoleônicas e pode ser visto como uma consequência da moderna sociedade industrial. Portanto, a função militar profissionalizada distinguiu-se pela burocratização que se especializou no exercício e no monopólio da violência. Por outro lado, "A profissão militar depende da existência de estados nacionais em competição entre si. A responsabilidade da profissão consiste, pois, em alcançar a segurança do Estado".<sup>13</sup>

No Brasil, a força militar é considerada profissional por muitos autores a partir de meados do século XIX, quando o país possui uma rede estruturada de ensino militar. De fato, contava nesse período o Exército brasileiro com uma Escola Militar no Rio Grande do Sul, uma escola prática na Praia Vermelha e a Escola Militar – futura escola politécnica – onde o ensino teórico era ministrado. Além disso, a lei de promoções de 1850 acentuou o caráter profissional da força militar, ao exigir critérios rígidos de promoção, como antiguidade e instrução, abolindo o sistema aristocrático que permitia a oficiais bem relacionados atingir os postos mais altos. Para Schulz, embora a lei de 1850 ainda desse margem para o favoritismo e a política, ela estabeleceu requisitos mínimos de tempo de serviço e educação que aprimoraram a transformação social e intelectual da oficialidade.<sup>14</sup>

As medidas de concentração do poder central, iniciadas na década de 40 e continuadas na década de 50, têm papel fundamental na formação do Exército brasileiro: a mudança no ensino, a burocratização da carreira e a criação de um corpo de oficiais gradativamente conscientes das necessida-

des militares e das próprias necessidades nacionais. Com o decreto, os oficiais deixaram de ser uma força privilegiada tradicional, transformando-se em uma corporação profissional e racional. Três índices demonstram essa passagem para a profissionalização: o declínio da elite dentro do generalato, a padronização da carreira militar e o declínio da participação dos militares no parlamento durante os últimos anos do Império.

É neste contexto que surge em 28 de fevereiro de 1855 o periódico *O Militar Brioso*. Sua publicação é efêmera e se estende até 3 de julho de 1855. Embora existam sinais de que esta edição não seja a última, ainda não foi possível localizar edições deste periódico em outros arquivos. Portanto, a coleção da Biblioteca Nacional é composta de 16 edições, de 28 de fevereiro de 1855 a 3 de julho de 1855. *O Militar Brioso* era publicado uma vez por semana e poderia ser adquirido na Tipografia de Silva e Lima, na cidade do Rio de Janeiro. Como curiosidade, esta tipografia era a mesma que publicava o periódico *O Militar*.

É possível que *O Militar Brioso* tenha sido fruto de alguma ruptura entre os redatores de *O Militar*. Na capa de *O Militar Brioso* não existem informações sobre os seus redatores. Todos os artigos eram publicados de forma anônima. A publicação era em formato folhetim, com 4 páginas em geral, publicadas frente e verso. Sua sede era a própria tipografia, e o tipógrafo tinha o poder de assinar os recibos para a venda unitária ou assinaturas mensais do periódico. Recebia, também, os artigos para publicação.

O *Correio Mercantil* do Rio de Janeiro informa, na edição de 8 de março de 1855, o lançamento da edição nº 2 de *O Militar Brioso* e da edição de nº 13 de *O Militar*. É também o *Correio Mercantil* que em edição de 13 de julho de 1856 traz importante informação sobre o periódico *O Militar Brioso*. O jornal informa que o Capitão Umbelino Alberto de Campos Limpo é o redator de *O Militar Brioso*.<sup>15</sup>

A informação é valiosa porque *O Militar Brioso* era uma publicação anônima. Umbelino Alberto de Campos Limpo era oficial de 1ª classe do Estado Maior. Sentou praça no Exército em 16 de junho de 1844. Em 25 de março de 1845 foi promovido a Alferes. Entra também para a Academia Militar, tornando-se após 7 anos de

curso bacharel em matemática. Completou o curso de Estado Maior e em 1851 ingressou no corpo de Estado Maior de 1ª Classe. Em junho de 1852 foi promovido a primeiro-tenente e enviado para o Rio Grande do Sul. Retorna ao Rio de Janeiro em 1855, e em 14 de abril do mesmo ano eleva-se ao posto de Capitão. Em 1859 era secretário da Escola Central. Em setembro do mesmo ano pediu exoneração e foi empregado no Arquivo Militar, como engenheiro desenhista. Em 1861 foi demitido por ordem do Ministro da Guerra.<sup>16</sup> O periódico *A Actualidade* informa que esta foi uma decisão política, por Umbelino ter relação com forças oposicionistas ao governo. Em novembro de 1863 Umbelino é major graduado, do corpo de Estado Maior de 1ª classe. Esteve na Guerra do Paraguai como major, participando dos combates da Batalha de Curuzu, no início do mês de setembro de 1866.<sup>17</sup>

É bastante interessante o fato de Campos Limpo pertencer ao corpo de Estado-Maior do Exército. Assim como os engenheiros e artilheiros, o Corpo de Estado-Maior era composto por militares que cursavam a Escola Militar. Durante a década de 1850, a Escola Militar era uma importante instituição de ensino que contrastava com a realidade educacional do país. A Escola formava militares para atuarem nas armas de engenharia, artilharia, Estado-Maior, além de cursos para oficiais de infantaria e cavalaria. Oferecia ainda o curso de engenharia civil, concomitante ao ensino militar. O local era profícuo para o desenvolvimento de grupos de oficiais reformistas cujo elo comum era a formação educacional.

Quando nos referimos aqui a militares existe a consciência de que a instituição não é una e existem clivagens internas, sobretudo de pensamento. No entanto, para os redatores do periódico *O Militar Brioso* sua função era clara: tornar conhecidos os palpantes desejos da classe militar, de forma que o periódico se tornasse a própria voz da instituição. Para os redatores, o periódico era o “(...) órgão dos sentimentos da classe nobre e sofredora (...)”<sup>18</sup> além de se constituir como “(...) o verdadeiro eco da classe militar (...)”.<sup>19</sup>

*O Militar Brioso* surge neste contexto intrincado da política e da sociedade imperial. No primeiro número os redatores demonstram o programa pelo qual irão propugnar a revista:

O que não queremos são os abusos de quem quer que seja, desconceituando a constituição, impedindo a ação benéfica das instituições e das leis. Queremos que todas as classes sejam igualmente consideradas nas posições oficiais e que não sejam por mais tempo excluídas pela classe dos Srs. Magistrados que conquistaram todas as posições. Queremos que o povo e nós sejamos livres, segundo a constituição e as leis, na escolha dos representantes do país, e que a Justiça não continue a vender-se por votos. Queremos que o povo seja julgado por seus pares como os magistrados o são pelos magistrados, e nós militares o somos pelos nossos, e que o povo não seja privado do júri para ser julgado só pelos magistrados ou pelos militares quando isso convier aos governantes. Queremos não ser embaraçados na escolha de nossas consortes. Queremos finalmente que os direitos políticos e civis da classe militar bem como os do povo cuja causa abraçamos como nossa, sejam respeitados e que a constituição e as leis sejam entre nós uma realidade e não uma mentira.<sup>20</sup>

A citação traz dois elementos importantes no discurso observado no periódico: por um lado, seus redatores se colocam a favor do povo, exigindo igualdade de direitos e concessões aos cidadãos, independentemente de poder político ou econômico. O discurso também deixa claro a insatisfação dos articulistas com a política atual, sobretudo com os grupos inseridos no debate político – em geral identificados como magistrados, togados, etc. Por outro lado, o discurso acentua a importância da manutenção da constituição e das leis, portanto acentuando o discurso da ordem. Esta é, aliás, uma característica comum da imprensa militar, independente de seu período: embora os redatores muitas vezes se posicionem contrários ao fazer político, não admitem a ruptura com a ordem institucional imperial.

Para os autores, o surgimento de *O Militar Briosso* é uma exigência do tempo; é, além

disso, uma adição à Classe Militar. Para os redatores de *O Militar Briosso*, “a nossa missão é árdua, porém justa, e tão justa que contamos desde já atingirmos o nosso fim, que não é outro senão levantarmos a nossa classe do abatimento e desprezo em que jaz e reivindicar (...)”.<sup>21</sup>

Para Schulz, os oficiais da década de 1850 já eram reformistas, provavelmente, consequência da instrução que recebiam na Academia Militar e do acesso que tinham à informação e ao contexto mundial. Tanto *O Militar* como *O Militar Briosso* divulgavam a necessidade de reformar a sociedade brasileira, com vistas à modernização social e econômica. Para o autor “o Exército brasileiro envolveu-se na política porque a oficialidade acreditou que certos aspectos básicos do Exército e da sociedade precisavam ser reformados”.<sup>22</sup>

Ainda na primeira edição, ao referir-se ao próprio periódico, escrevem os redatores que “já era tempo, e mais que tempo do *Militar Briosso* pugnar por seus direitos de seus concidadãos, não deixando entregue a uma só classe da sociedade a direção do país, a causa comum das outras classes”.<sup>23</sup> Provavelmente aqui, os militares se colocam como políticos. É inegável que, mesmo sendo a opinião de apenas um grupo dentro da instituição – sendo-nos impossível avaliar a adesão da maioria dos militares a esta opinião –, é fato, porém, que esta opinião vai se cimentar dentro da instituição. Ou seja, é a partir daqui que os militares se colocam como grupo importante na formação do país, não apenas na defesa externa, mas principalmente na defesa dos interesses internos do país. A ideia que o texto passa é de que os militares consideram-se como classe acima de quaisquer interesses e grupos políticos no estado. “O militar é um cidadão como qualquer outro, tendo demais e a seu cargo o ônus de sustentar a ordem pública e as regalias de todos os brasileiros.”<sup>24</sup> Os militares compreendem seu papel na defesa das instituições brasileiras e na defesa do povo, em caso de agressão externa; completam o raciocínio expondo que não devem, por isso, servir de instrumento de vinganças e caprichos de grupos políticos que não visam ao bem geral, e somente trabalham pelo seu egoísmo:

O militar serve à sua pátria e ao seu soberano pela consciência de que é digno de toda a consideração, que seus serviços serão justamente remunerados, que não jazerá no desprezo o mais insuportável: e é porque ele não tem sido devidamente lembrado, devidamente considerado, que não pode continuar a abafar em seu valoroso peito a ingratidão do homens que monopolizam os direitos das diversas classes da sociedade e com especialidade da classe militar.<sup>25</sup>

Vemos aqui a importância que os militares dão para o orgulho de classe, demonstrando uma forte consciência de classe. Pedem ainda que uma aurora mais animadora e risonha tenha início, respeitando, de fato, os brios da classe militar e o gozo dos direitos constitucionais.

Por política, entendemos aqui a asserção de Max Weber. Para o autor, política é um vocábulo naturalmente amplo que compreende qualquer tipo de liderança independente em ação.<sup>26</sup> Para Weber, uma questão politicamente determinada, por exemplo, quer dizer uma luta pelo poder, na defesa de interesses sobre manutenção, distribuição ou transferência de poder. Uma ação política, portanto, é determinada na luta pelo poder. “quem participa ativamente da política luta pelo poder, quer como um meio de servir a outros objetivos, ideais ou egoístas, quer como o poder pelo poder, ou seja, a fim de desfrutar a sensação de prestígio atribuída ao poder”.<sup>27</sup> Mesmo que os militares envolvidos na escrita de *O Militar Brioso* desejassem se afastar da política, sua própria posição os enquadra desta forma.

A primeira edição termina com um pequeno texto chamado *À Classe Militar* que adverte, novamente, sobre os objetivos da publicação. Assinala novamente que o periódico existe a fim de satisfazer as necessidades que a classe Militar possui, sobretudo, no que tange a acompanhamento e alterações de seus negócios.

Cada militar seja um escritor, um publicista, para o que lhe não falta capacidade e ilustração, e assim auxilie quer com os seus escri-

tos, quer com suas assinaturas este novo campeão dos direitos de todos e especialmente de uma classe tão nobre e valorosa: e isto esperamos porque bem como o militar brasileiro encara soberano o inimigo no campo da batalha, bem como é humano punindo os seus agressores, não deixa também de ser condescendente e cavalheiro quando se solicita o seu concurso e apoio<sup>28</sup>.

Conclui afirmando que a missão do periódico é justa, pois justo é levantar a classe do abatimento e do desprezo em que jaz e “reivindicar como dissemos os foros de todos os cidadãos, que indefesos suportam várias preterições em seus direitos”.<sup>29</sup>

A segunda edição de *O Militar Brioso* é bastante significativa. Indica, na página inicial, um imbróglio causado pelo nome escolhido pelo periódico: “Mais de uma pessoa tem cuidado enxergar no título da nossa folha uma intriga!”<sup>30</sup>. Para alguns, talvez o título tenha soado de forma jocosa. No entanto, este não foi o objetivo dos redatores. Em nossa interpretação, o título *O Militar Brioso* pode ter ligação muito mais com o sentimento de classe, e conseqüente orgulho de classe, do que de forma jocosa. Os redatores se justificam: “O militar brasileiro, exemplo de obediência e sofrimento, não nutre ideia alguma alheia ao bem-estar de sua classe, o que deseja, sim, é fazer compreender aos poderes do Estado que sofre, sofre imensamente: que não tem os meios de acudir às suas próprias necessidades da vida.”<sup>31</sup> Nesse sentido, o próprio fato de o vocábulo “militar” estar sempre escrito com inicial maiúscula demonstra a tentativa de diferenciação através, mas não somente, do orgulho e da consciência de classe. Os redatores colocam-se ainda como “sendo órgão dos sentimentos da classe nobre e sofredora”.<sup>32</sup> Portanto, entendemos que o título não tem caráter jocoso, e, sim, de classe, como discurso e como caráter.

O título do periódico é, por si só, a reafirmação da índole militar, qual seja, do orgulho em ser militar sintetizado pelo vocábulo *brioso*. Este recurso discursivo servirá também para compor um importante discurso nas páginas da revista: a constante criação de um

antagonismo entre a figura política e a figura militar. Este antagonismo será representado pela criação de antíteses, ora positivas, ora negativas ao longo das páginas do periódico. Se de um lado o militar é *brioso*, o político é sempre identificado como indigno; se o militar é honrado, o político é imoral. Esse jogo de antíteses acaba por solidificar um discurso onde a instituição militar, na figura dos soldados, carrega sempre características positivas, enquanto a instituição política, na forma dos homens políticos, é sempre negativa. Este antagonismo revela um embate de forças que será crucial décadas mais tarde, no momento de crise do regime imperial brasileiro.

## CONCLUSÃO

Este estudo ainda está em prosseguimento, abarcando outros periódicos além de *O Militar Brioso*. Indica, a partir dos dados e da análise efetuada até agora, que um grupo de militares queria se colocar, neste período, como oposição dentro do jogo de forças políticas. As críticas ao longo das folhas de *O Militar Brioso* direcionam-se aos liberais e aos conservadores, de forma a não distinguir o fazer político destes grupos. Ou seja, ambos são identificados na formação discursiva negativa, independentemente de sua filiação.

Por outro lado, o discurso constante por parte dos militares é o da ordem; D. Pedro II é, em diversas edições, idolatrado, e sua figura como imperador do Brasil parece

imune às críticas dispensadas ao fazer político nacional. Acima de tudo, estes militares colocam-se como legalistas, mantenedores da ordem e das instituições imperiais.

Não nos é possível saber se houve continuação da publicação de *O Militar Brioso* após a edição número 16; É possível que sim, embora não tenhamos mais edições disponíveis para consultas. Tampouco é possível inferir a quantidade de jornais que eram impressos na tipografia. Mas ao longo das páginas é possível identificar informes enviados por leitores de várias partes do Brasil, sobretudo das regiões Nordeste e Sul do país, indicando que, de alguma forma, o periódico ultrapassava as fronteiras do Rio de Janeiro.

O estudo da imprensa militar deste período se faz necessário para que seja possível compreender, de forma mais clara, não apenas a estruturação das forças armadas em nosso país como instituição, mas também a validade de discursos que podem ser identificados até hoje. É sabido que foi, através do discurso da defesa nacional e da integração dos interesses da segurança aos interesses nacionais, que foi possível a criação de um intenso discurso que trouxe à instituição militar importante acesso ao debate político. Embora a historiografia careça de estudos específicos sobre os periódicos militares, sobretudo no século XIX, tal barreira precisa ser derrubada, para a melhor estruturação dos debates em torno da relação entre forças armadas, sociedade, política e tecnologia.

<sup>1</sup> MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina. (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9.

<sup>2</sup> A imprensa do século XX será caracterizada, sobretudo, pela existência de grandes casas editoriais que transformam em lucro a sua atividade. A diferença se estabelece a partir das transformações tecnológicas e econômicas que passam a influenciar a imprensa, não mais como um espaço de combate, mas agora como porta-voz dos interesses de elites econômicas e institucionais. É o caráter empresarial que mais define a imprensa do século XX, caracterizada ainda pela grande circulação e pela capacidade de influir na vida nacional. Neste sentido, o trabalho pioneiro de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado contribuiu, não apenas para a valorização da imprensa como objeto de pesquisa, mas também para a melhor compreensão das possibilidades de análise textual dos periódicos. CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia Coelho. *O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

<sup>3</sup> LUCA, Tania Regina. Op. cit., p. 133.

<sup>4</sup> *O Militar Brioso*, Anno 1. nº 15. 19 de junho de 1855. p. 4.

<sup>5</sup> LIMA, Ana Paula Almeida. *Engenheiros fardados no Império: A modernidade no pensamento dos egressos da Escola Militar*. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS, Porto Alegre, 2013.

<sup>6</sup> Este artigo é resultado parcial das pesquisas efetuadas para a elaboração tese de doutoramento da autora que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Referimo-nos aqui às pesquisas de Arias Neto, sobre a *Revista Marítima Brasileira*, cujo primeiro período vai de 1851 a 1855. ARIAS NETO, José Miguel. *Revista Marítima Brasileira: 1851-1855: A liberdade de pensamento na Marinha imperial e o projeto de nação no século XIX*. In: *Revista Brasileira de História Militar*. Ano III. nº 8, agosto de

2012. p. 4- 29. John Schulz e Adriana Barreto de Souza destacaram o papel do periódico *O Militar* de 1854-1855 em suas pesquisas, embora a imprensa militar não tenha sido o foco principal de suas investigações. SCHULZ, John. *O Exército na Política. Origens da Intervenção Militar (1850-1894)*. EDUSP: São Paulo, 1994 e SOUZA, Adriana Barreto de. *O Exército na Consolidação do Império*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. Dudley se refere à *Tribuna Militar* de 1881, embora utilize o periódico como fonte e não como objeto de pesquisa principal. DUDLEY, William S. Institutional Sources of Officer Discontent in the Brazilian Army, 1870-1889. *Hispanic American Historical Review*, Vol. 55, nº 1, February 1975, p. 44-65. Também Hendrik Kraay refere-se ao momento de estabilização política após a independência e o período regencial, destacando alguns periódicos publicados na Bahia. KRAAY, Hendrik. *Race, State and Armed Forces in independence-Era Brazil*. Stanford University Press: California, 2001. p. 158. Encontramos ainda trabalhos isolados sobre outros periódicos, sem maiores problematizações: GOMES, Luiza das Neves. *A Marinha Brasileira no pós-guerra do Paraguai – Uma análise da partir da imprensa militar*. In. FERREIRA, Marieta de Moraes (org). Anais do XXVI simpósio nacional da ANPUH - Associação Nacional de História. ANPUH-SP: São Paulo, 2011. E também OLIVEIRA, Rodrigo Perez. *A imprensa oficial do Exército brasileiro entre a “questão militar” e a consolidação da República oligárquica: um estudo comparativo*. In. Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio. 2012. No período republicano, destacamos as seguintes pesquisas, por exemplo: CAPELLA, Leila. *As malhas de aço no tecido nacional: A revista A Defesa Nacional e o Serviço Militar Obrigatório*. UFF, 1985. CIDADE, Francisco de Paula. *Síntese de três séculos de literatura Militar Brasileira*. BIBLIEX: Rio de Janeiro, 1953. NASCIMENTO, Fernanda de Santos. *A Revista A Defesa Nacional e o projeto de modernização do Exército brasileiro (1931-1937)*. Dissertação de Mestrado, PUC/RS, Porto Alegre, 2010. BARONE, Adelaide Cristina Brandão. *O discurso sobre o golpe de 1964 e o regime militar: análise da revista A Defesa Nacional (1990-2004)*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.
- <sup>8</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In. MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina (orgs). Op. cit., p. 43.
- <sup>9</sup> Nossa pesquisa indica a existência de *O Militar* até o ano de 1863, ao menos. Tal dado contradiz a versão corrente da historiografia que entende a existência do periódico até o ano de 1861. John Schulz e Adriana Barreto de Souza utilizaram este periódico como fonte para seus estudos e assim o caracterizaram, respectivamente: *O Militar* possuiu duas fases: 1854-1855 e 1860-1861; Ou possuiu apenas uma fase, 1854-1855. In. SCHULZ, John. *O Exército na Política. Origens da Intervenção Militar (1850-1894)*. EDUSP: São Paulo, 1994. e SOUZA, Adriana Barreto de. *O Exército na Consolidação do Império*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. Encontramos referência ao periódico *O Militar* no Dicionário Biográfico Português, de 1867. Na página 194, o autor se refere ao número 134 de *O Militar*, referido ao ano de 1863. In. SILVA, Inocencio Francisco. *Dicionário Bibliográfico Português. Estudos de Inocencio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*. Tomo oitavo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. p. 194.
- <sup>10</sup> ASSIS, José Luís. Ciência e Literatura na Revista Militar (1849-1910). Ciência, Cultura e Sociedade – Discursos de Saberes Científicos. In. *Revista Militar*. Edição de outubro de 2006. Disponível em [http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art\\_id=140](http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=140). Acesso em dezembro de 2012.
- <sup>11</sup> Lei nº 585, de 6 de Setembro de 1850. É a Lei que institui a obrigatoriedade do Ensino Militar para a ascensão da carreira. É regulada pelo Decreto nº 772, de 31 de março de 1851.
- <sup>12</sup> SCHULZ, John. Op. cit., p. 27.
- <sup>13</sup> SANTOS, Murilo. *O Caminho da Profissionalização das Forças Armadas*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora do Livro, 1991. P. 11.
- <sup>14</sup> SCHULZ, John. Op. cit., p. 27.
- <sup>15</sup> *Correio Mercantil, Instrutivo, Político e Universal* de 13 de julho de 1856: “Atenção: Acha-se preso na Fortaleza da Lage, segundo nos informam, o Sr. Capitão Umbelino Alberto de Campos Limpo, redator do periódico que existiu na corte *O Militar Brioso*. Dizem-nos que esta prisão é devida a ter aquele capitão organizado na Bahia uma sociedade para tratar da nacionalização do comércio a retalho. Queremos duvidar de semelhante arbitrariedade. Julgamos que o Sr. Caxias não quererá assim nodar a brilhante administração que tem feito (da *Pátria*)”. p. 2.
- <sup>16</sup> As informações sobre a carreira de Umbelino Alberto de Campos Limpo foram retiradas de diversas fontes: Almanak Militar para o ano de 1861. Organizado na Repartição do Ajudante-General. Rio de Janeiro, Typographia Universal de Laemmert, 1861. p. 38. Também do *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro, organizado e redigido por Eduardo Laemmert* dos anos de 1851 a 1856. Os Almanques estão disponíveis neste endereço: <http://www.crl.edu/brazil/almanak>
- <sup>17</sup> AZEVEDO, Moreira de. *Rio da Prata e Paraguay. Quadros Guerreiros*. Eduardo e Henrique Laemmert: Rio de Janeiro, 1871. p. 110.
- <sup>18</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 2. 7 de março de 1855. p. 1
- <sup>19</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 15. 19 de junho de 1855. p. 4
- <sup>20</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 1.
- <sup>21</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 4.
- <sup>22</sup> SCHULZ, op. cit. p. 31.
- <sup>23</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 1.
- <sup>24</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 2
- <sup>25</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 2
- <sup>26</sup> WEBER, Max. A Política como Vocação. IN *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 55.
- <sup>27</sup> WEBER, Op. cit. p. 56.
- <sup>28</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 4.
- <sup>29</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 1. 28 de fevereiro de 1855. p. 2
- <sup>30</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 2. 7 de março de 1855. p. 1.
- <sup>31</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 2. 7 de março de 1855. p. 1.
- <sup>32</sup> O MILITAR BRIOSO, Anno 1, nº 2. 7 de março de 1855. p. 1.